

## **O cinema digital em Pernambuco e os grupos de criação coletiva: o caso Surto & Deslumbramento<sup>1</sup>**

Alexandre Figueirôa FERREIRA<sup>2</sup>  
Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

O texto analisa a trajetória do coletivo pernambucano Surto & Deslumbramento, mostrando como o grupo realiza o seu trabalho a partir de modelos de elaboração, difusão e recepção do audiovisual tornado possíveis com a tecnologia digital. Na análise apontamos como esses novos modelos de produção, adotados pelo grupo, introduzem transformações e práticas desestabilizadoras que interferem na concepção estética e na proposta política de seus filmes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Surto & Deslumbramento; cinema pernambucano, tecnologia digital; estética.

### **TEXTO DO TRABALHO**

#### **Introdução**

As conexões e relações entre tecnologia, estética, política e sociedade, segundo Sobrinho e Suppia, introduziram “uma vertiginosa transformação na indústria do cinema e do audiovisual com um conjunto de práticas artísticas desestabilizadoras de preceitos tradicionais e a ativação de um pensamento atualizado para lidar com essas questões” (SOBRINHO, 2016, p.11). Os modelos de elaboração, difusão e recepção do audiovisual foram diretamente atingidos por essas mudanças e afetam toda a sua cadeia produtiva, incluindo aí desde os grandes estúdios da indústria cinematográfica quanto as variadas formas da produção alternativa.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Cinematográficos e Audiovisuais e Professor Adjunto IV do curso de Jornalismo e do Mestrado Profissional em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco, e-mail: alexandre.figueirôa@unicap.br

---

O presente trabalho debruça-se sobre esse segundo segmento e alinha-se com estudos recentes em que os processos oriundos das tecnologias digitais são analisados, indo, porém, além do seu sentido meramente tecnológico. No contexto da acessibilidade aos equipamentos de captação e de divulgação das obras audiovisuais, nos alinhamos à definição de Ivana Bentes para “cinemas insurgentes”, como aponta Sobrinho em seu livro *Cinemas em Redes* ao demonstrar que esse cinema nada mais é do que “um conjunto de operações, defendidas, sobretudo, por coletivos e movimentos sociais, em que dispositivos móveis e câmeras portáteis agenciam práticas colaborativas que dinamitam certos conceitos e experiências caducas” (SOBRINHO, 2016, p.12).

Esse cinema insurgente, no nosso entender, revê o estatuto da imagem em diversos sentidos, colocando em perspectiva as questões coletivas, as identidades e os processos subjetivos, potencializando ainda os fluxos culturais e artísticos em seus aspectos estéticos e políticos. Ou seja, passamos do referente máximo do cinema clássico de Hollywood para o YouTube, nova referência para o tempo digital (ALVES, 2017). A digitalização do cinema, uma nova forma de construção de imagens em movimento, permitiu a circulação das obras mediante novos canais, promoveu a sua convergência com outras mídias também digitalizadas e gerou formas renovadas para sua criação e distribuição.

Diante do exposto, escolhemos como objeto de análise o coletivo pernambucano Surto & Deslumbramento, por sua dedicação à produção audiovisual a partir do uso do recurso da tecnologia e das novas possibilidades culturais e sociais geradas pela digitalização. O material por ele produzido parte, desde a origem do grupo, da premissa de que “os materiais digitais permitem um alargamento na construção de objetos fílmicos e uma ampliação das oportunidades de experimentação em vários territórios de produção” (ALVES, 2017, p.35).

### **O coletivo Surto & Deslumbramento - trajetória**

O cinema, como todo mundo sabe, é uma arte coletiva e, no cinema feito em Pernambuco, em especial, esse trabalho coletivo ultrapassa os limites do set de filmagem e, tem sido apontado, pela estreita relação existente entre os realizadores locais, como o "cinema da brodagem" (derivado da gíria bróder, comum entre os jovens, a partir da palavra de língua inglesa brother). O apoio mútuo de cineastas, atores e técnicos a cada

---

novo filme já se tornou uma marca da nossa produção audiovisual e se revelou uma estratégia eficiente para superar as dificuldades técnicas e financeiras na realização de filmes num estado que, apesar do apoio governamental, enfrenta os obstáculos contumazes do cinema brasileiro.

E é nesse contexto que surgiu, no Recife, o Surto & Deslumbramento, um coletivo de realizadores formado por Chico Lacerda, Rodrigo Almeida, Fábio Ramalho e André Antônio. Formado em 2012, o grupo, desde os seus primeiros trabalhos audiovisuais, vem quebrando padrões estéticos e de conteúdo caros à produção pernambucana e questionando os procedimentos usuais de realização e difusão. Irreverência, olhar crítico, desmitificação, ironia e sensibilidade *queer* são as tintas preferidas dos quatro rapazes, autores, entre outros, dos curtas *Mama*, *Estudo em Vermelho*, *Canto de Outono*, *Casa Forte*, *Virgindade* e do longa *A Seita*, filmes que estão chamando a atenção dos internautas e dos espectadores dos festivais onde eles têm sido exibidos.

Como iniciativa independente, o grupo se organizou desde os primeiros projetos segundo uma dinâmica marcada pela mobilidade de funções, pela discussão compartilhada dos processos, roteiros e cortes e pela diversidade dos modos de divulgação, levando em conta a particularidade de cada proposta. Isso resultou num conjunto de trabalhos que, se deixa claro uma afinidade de interesses, por outro lado não deixa de incorporar a heterogeneidade de referências que em muito ultrapassam o cinema, abrindo-se para o entretenimento, a moda, a proliferação de imagens digitais em múltiplos suportes, os artefatos culturais, as leituras e ainda os marcos históricos que formam a sensibilidade de seus integrantes.

A semente da produtora Surto & Deslumbramento brotou meio por acaso quando Chico, Rodrigo, Fábio e André estavam fazendo mestrado no PPGCOM-UFPE, no final da década passada. André trabalhava com montagem, mas Chico era o único que já tinha realizado alguns filmes. Todos, porém, participavam ativamente das sessões do cineclube Dissenso e nos debates pós-exibição descobriram afinidades a partir dos filmes e de referências imagéticas compartilhadas. A partir desses debates eles descobriram um certo desconforto em comum com relação à produção local que os levou a um ponto de convergência. Eles achavam o cinema pernambucano muito heterossexual e politicamente conservador, ou seja, uma ideia de política que, às vezes, desconsiderava as outras políticas ou tentava ler essas outras políticas numa única chave.

---

Até aquele momento ainda não havia um desejo conjunto de fazer filmes. Isso, no entanto, mudou em 2012, quando Chico, Rodrigo e André foram a Córdoba, na Argentina, participar do encontro da Associação Argentina de Estudos de Cinema e Audiovisual (ASAECA). Durante o evento, algumas das conversas entre eles giraram em torno da música *Mama*, da funkeira Valeska Popozuda, pois a letra da composição abordava o tema sexo de uma maneira totalmente não convencional. As discussões sobre *Mama* mesclavam-se com conversas sobre cultura pop, reality shows e foi daí que surgiu a ideia de fazer um filme sobre tudo isso. No início era uma brincadeira, mas André Antônio tinha vontade de rodar um filme no qual dois amigos bebem vinho num gramado. Quando voltaram da Argentina, eles levaram o projeto adiante, tendo como eixo da narrativa dois rapazes conversando sobre a música *Mama*.

As filmagens transcorreram de maneira bastante livre em dois dias com imagens captadas na casa de Chico em Vila Velha, Itamaracá, no Litoral Norte de Pernambuco, e na casa de André num bairro do Recife. O filme não teve roteiro, mas os planos eram pensados e a conversa foi dirigida por André. Enquanto eles bebiam, pediram para um amigo fazer poses lânguidas pela casa e no dia seguinte, de ressaca, filmaram Rodrigo e Chico comentando sobre a letra da música de Valeska Popozuda. Logo em seguida, o próprio André fez o primeiro corte e compartilhou com os demais. Eles trabalharam juntos na montagem, compartilhando as versões via on-line e, logo em seguida, lançaram *Mama* no YouTube.

O filme foi divulgado entre amigos. Rodrigo tinha contato com as pessoas e foi recolhendo opiniões e repassando para os demais integrantes do grupo. Isto deu-lhes força para pensar em realizar novos trabalhos. Chico, na época, já tinha feito, entre outros, *Hipnose para Leigos*, *A Banda* e *Doce e Salgado*, esse último fruto de uma oficina com a cineasta Maria Pessoa. Antes de partir para um novo projeto, Rodrigo fez, em janeiro de 2013, três vinhetas para o bloco I Love Travesti, organizado por ele e o cantor Johnny Hooker. A edição foi feita mais uma vez conjuntamente, com todos dando opiniões até se chegar ao resultado final. E essa se tornou uma marca do grupo, discutir exaustivamente as realizações tanto presencialmente quanto on line. Segundo eles, é um processo dinâmico e que funciona muito bem. O mesmo processo foi adotado com a nova versão do documentário *Eternamente Elza*, de Alexandre Figueirôa e Paulo Feitosa, remontado por Chico, a pedido dos realizadores. O curta era de 2003 e, depois de

---

remontado, foi relançado no YouTube em 2013. Ele foi também selecionado e exibido nos festivais LGBT Mix Brasil, em São Paulo, e For Rainbow, em Fortaleza, Ceará.

Cada vez mais motivados, o grupo resolveu partir para a realização de um segundo filme: *Estudo em Vermelho*. Essa foi a primeira vez em que eles começaram a assumir uma postura autoral coletiva sistematizada, concebendo uma ideia e discutindo a partir dela. O trabalho foi longo e mais uma vez o ponto de partida foi uma referência do universo pop. Chico era fascinado pelo clipe *Wuthering Heights*, de Kate Bush, e queria refazê-lo. O desafio, para eles, era como tornar a paródia do clipe um curta e inserir dentro dele um discurso articulado com o ideário do coletivo. Chico então selecionava textos para os outros integrantes lerem e, durante seis meses, discutiram a construção do roteiro. Já as filmagens e a montagem foram mais rápidas porque já estava tudo planejado.

O curta foi lançado também na internet, configurando a estratégia do grupo contra uma certa postura usual entre realizadores de sempre pensar a distribuição de qualquer filme - longa ou curta - seguindo uma lógica comercial. Segundo eles, passou a ser um ponto de honra quebrar com este padrão de primeiro enviar o filme para um festival e só depois para os outros canais. Eles não acham que disponibilizar um trabalho na internet acabe com as possibilidades de carreira do filme. Para o grupo esse modo de difusão é um gesto de generosidade que vai de encontro a uma certa mesquinhez de ficar segurando a obra e a mantendo em segredo.

E com *Estudo em Vermelho* eles conseguiram demonstrar como é possível quebrar o senso comum de uma lógica da escassez baseada na falta de lugares para mostrar o filme e a obediência a uma hierarquia rígida da sala de cinema sobre outros espaços de visualização. Um dos argumentos dos cineastas para isso é a garantia do controle nas condições técnicas ideais de exibição, o que para Fábio Ramalho “é uma falácia, porque em muitas mostras e festivais a qualidade da projeção é muito ruim” (FIGUEIRÔA, 2015).

O grupo discorda do *modus operandi* de muitos diretores de curta que operam numa lógica de produção de longa-metragem. Para eles, fazer isso é alimentar apenas um certo público privilegiado, um público autorreferente, o que leva um filme a só poder ser visto se o espectador estiver inserido no circuito dos festivais ou conseguir acesso ao link, algo, de certo modo antidemocrático. E *Estudo em Vermelho* foi um dos primeiros curtas brasileiros que mesmo estando aberto na internet foi exibido na conceituada Mostra de Tiradentes e em muitos outros festivais.

---

Chico Lacerda observa que muita gente se espantava quando ele dizia que o filme estava no festival e também já fora disponibilizado na web. Como o objetivo do grupo é ver os seus trabalhos se comunicando com públicos variados, para eles, usar a internet como principal veículo de difusão é também uma forma de quebrar com certas místicas em torno do cinema. *Estudo em Vermelho* é um curta-metragem feito a partir de um videoclipe e de vários textos já existentes – imagens de arquivo que se misturam com as produzidas pelo coletivo –, então para eles é natural que o filme entre no mar de imagens de onde saiu.

### **Desdobramentos estéticos e políticos**

As relações entre os meios audiovisuais e seus desdobramentos políticos e estéticos é uma questão sempre presente na trajetória do Surto & Deslumbramento. Em 2012, cinéfilos e cineastas do Recife ficaram indignados com a possibilidade do último capítulo da novela *Avenida Brasil*, da TV Globo, vir a ser exibido no cinema São Luiz (uma sala histórica da cidade e dedicada a exibição de filmes de arte). O coletivo discordou abertamente dessa posição. Em vez de se questionar a presença de uma produção da teledramaturgia global num espaço público, num primeiro momento a discussão tomou um rumo muito conservador onde ficou claro que havia preconceito com a televisão e com um produto midiático massivo. O debate mostrava a impossibilidade de uma certa visão estética capaz de incorporar essas referências, revelando uma visão elitista e segregacionista da maior parte dos realizadores locais.

Para o grupo, ao se falar de referências e influências imagéticas, não faz mais sentido separar cinema, televisão e internet. Entre eles há o consenso de que tais referências, de uma maneira geral, são muito diluídas, vindo de gifs, clipes, games, vídeos do YouTube, etc. Eles observam que ainda há uma resistência muito grande de reconhecer isso enquanto uma possibilidade de inspiração. É comum as pessoas perguntarem, no momento em que se está fazendo um trabalho, quais foram os filmes que as influenciaram na concepção da obra, esquecendo que, além dos filmes, existe uma carga de momento de referências culturais muito mais transversal e fluída.

Neste sentido, os integrantes do Surto & Deslumbramento estão sempre atentos aos acontecimentos em sua volta. Foi isso que os aproximou de Sócrates Alexandre, um videasta que mostrava nos seus trabalhos, divulgados no YouTube, um Recife com pontos

de vista completamente novos e inusitados em relação a produção tradicional e com trilhas sonoras funcionais e em diálogo com o universo retratado. Os vídeos de Sócrates estabelecem, por exemplo, um diálogo com os filmes em super 8, feitos na década de 1970, pelo realizador pernambucano Jomard Muniz de Britto, outra referência do grupo. Como o filme *Noturno em Ré(cife) Maior*, de Jomard, os filmes de Sócrates mostram uma câmera que anda pelas ruas da cidade performando-a a partir da sua realidade e mudando o seu ambiente.

O encontro com Sócrates repercutiu no grupo, pois questionou o modo tradicional deles próprios encararem o cinema e resultou numa parceria na realização do curta *Metrópole*. O videasta ficou responsável pelas filmagens e o Surto & Deslumbramento pela montagem final. O filme foi rodado em um dia e o grupo embarcou no espírito do modo de produção proposto pelo videasta. *Metrópole* foi exibido no Recifest e no FestCine, no Recife, e no Cinerama, no Rio de Janeiro.

O filme seguinte do grupo foi *Casa Forte*, dirigido por Rodrigo Almeida, e que mesclou os processos das primeiras produções da Surto & Deslumbramento. A ideia do tema surgiu da observação dos nomes dos edifícios nos bairros de Casa Forte e Parnamirim, muitos deles ligados ao período colonial e ao ciclo do açúcar em Pernambuco, a exemplo do condomínio Senzala do Megahype. Para não fazer um filme apenas sobre os edifícios do Recife, Rodrigo acrescentou a ideia de mostrar um rapaz, espécie de sinhôzinho moderno, que tivesse uma relação fetichista com pessoas negras. A conhecida interseção sexual entre o senhor de engenho branco com os subalternos de origem escrava é introduzida no enredo, mas, ao mesmo tempo, pensa o corpo negro enquanto um corpo de desejo e estabelece um jogo invertido onde o personagem negro subverte essa situação.

Inicialmente, Rodrigo queria rodar o filme em super 8, mas diante das dificuldades de produção, desistiu. *Casa Forte* recebeu, em 2014, diversos prêmios, como o de Melhor Filme Pernambucano no II Recifest, a Menção Honrosa do Júri oficial do 25º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo e circulou em diversos festivais e mostras pelo Brasil. Em novembro de 2015 foi ainda exibido no 23th New York Queer Experimental Film Festival. O filme marcou também o início de uma reflexão maior do coletivo sobre os processos de realização, pois apesar de algumas dificuldades terem sido resolvidas pela criatividade, para os novos projetos que estavam em andamento, o grupo sentiu a necessidade de novos aportes técnicos.

---

Foi o que aconteceu com a realização de *Como Era Gostoso Meu Cafuzo*, também dirigido por Rodrigo. Foi o primeiro filme do grupo com uma decupagem mais próxima da narrativa clássica. Como tem diálogos, as gravações na rua com som direto foram muito difíceis. Eles também tiveram que improvisar na iluminação, não apenas usando luz natural, mas recorrendo ao uso de um tripé com lâmpada normal. Até então eles usavam uma câmera Canon 60D, mas para o filme de Rodrigo foram obrigados a usar uma 5D emprestada, a melhor entre as amadoras. O próprio Rodrigo comprou uma *steadycam*, pois eles começaram a sentir na pele o que é pensar em fazer um plano e não poder executá-lo por falta de recursos.

O Surto & Deslumbramento realizou ainda o projeto *As Quatro Estações*, uma série de curtas surgidos de um pensamento irônico compartilhado pelo grupo sobre os cinéfilos pernambucanos que muitas vezes estabelecem uma relação quase religiosa com o cinema tendo a sala do São Luiz como templo e frases do tipo “esse é um filme para ver de joelhos”. O projeto é uma paródia das *Quatro Estações*, do cineasta francês Eric Rohmer e foi feito, como dizem os integrantes do grupo brincando, “para ser exibido no Janela Internacional de Cinema com os espectadores da primeira fila ajoelhados” (FIGUEIRÔA, 2015). Na verdade, o projeto estabeleceu que cada um dos membros do Surto faria um filme curta-metragem sobre uma das quatro estações do ano.

O primeiro a ser rodado foi *Canto de Outono*, dirigido por André Antônio. O filme foi rodado no Rio de Janeiro no período em que ele esteve cursando disciplinas do seu doutorado. Mostra um rapaz numa festa em um clima de melancolia e há também uma narração de fundo de trechos do poema *Canto de Outono*, de Baudelaire. O autor explica que “queria aprofundar minha pesquisa do diálogo entre cinema e pintura e como criar com a montagem uma atmosfera, um ambiente, porque a festa filmada era alegre, mas ao colocar uma trilha diferente e trabalhar com uma luz artificial, criou uma contraposição” (FIGUEIRÔA, 2015). André diz que a montagem foi demorada por conta de sua visão romântica de deixar as imagens fluírem sem sua intervenção, e para corrigir as lacunas foi preciso longas conversas e observações feitas por todos do grupo. O filme foi exibido no Recifest, no Curta Taquary e foi disponibilizado na internet. Outro filme da lista realizado foi o curta *Primavera*, dirigido por Fábio Ramalho, e que teve apenas uma exibição até o momento, na mostra pernambucana Janela Internacional de Cinema, em 2017. No mesmo período o coletivo realizou o filme *Leona Assassina Vingativa 4 –*



---

*Atrac em Paris*, uma escrachada comédia cuja estreia foi no Festival de Tiradentes, mas que também está disponível no YouTube.

Além do projeto Quatro Estações, o coletivo realizou, com direção de Chico Lacerda, *Virgindade* lançado em 2015. Neste trabalho, Chico lançou mão de histórias de sua adolescência e infância e narra suas memórias sexuais antes dele ter feito sexo realmente. O filme usa imagens captadas pelas ruas do Recife, enquanto a voz over do próprio cineasta vai descrevendo as lembranças do autor. Esse fluxo narrativo ilustrado por imagens aleatórias é interrompido apenas por uma sequência de imagens bucólicas com corpos masculinos nus e uma trilha musical que remete aos tempos de adolescente do narrador. A estética e o tipo de registro definido nos remetem diretamente ao estilo *do-it-yourself*, um formato que ganhou seguidores a partir da proliferação do uso de câmeras digitais amadoras ou semiprofissionais. Com o filme, Chico Lacerda ganhou, entre outros, o prêmio de Melhor Direção no 25º Cine Ceará, Melhor Montagem no Festival de Gramado, e Melhor Curta no 9º For Rainbow.

Em 2017, Chico e André foram convidados pelo realizador Alexandre Figueirôa para participar da edição do documentário *Kibe Lanches*. O Kibe Lanches era uma lanchonete especializada em pratos árabes no bairro do Pina, na Zona Sul do Recife. Nas noites de sexta-feira, todavia, o local tornava-se um dos principais pontos de encontro LGBT da cidade, com apresentações de transformistas e um desfile de rapazes. Ousado para a época, com os candidatos desfilando primeiro vestidos e, no final, completamente nus, o inusitado concurso era conhecido como as "rolinhas do Barão", referencia ao proprietário do estabelecimento e o animador das festas Luiz Ferreira de Araújo, mais conhecido como Barão. A reconstituição da história da lanchonete, porém, esbarrava numa grande dificuldade, a falta de registro em fotos e vídeos do local na época. A solução foi, então, investir na história oral reconstituída a partir da memória de alguns dos frequentadores dos shows e ouvir o próprio Barão que, por cerca de dez anos, abriu sua casa para a diversidade sexual. O filme foi exibido no Festcine, no Recife; no Mix Brasil, em São Paulo; no Rio Festival de Gênero e Sexualidade no Cinema, no Rio de Janeiro; e na Mostra Sertão & Diversidade, no Ceará.

Um novo desafio para o Surto & Deslumbramento surgiu quando eles rodaram *A Seita*, o primeiro filme do coletivo com apoio financeiro estatal. O roteiro, escrito por André Antônio, foi pensado para um curta a ser feito sem dinheiro, ou seja, nos mesmos moldes da realização de *Estudo em Vermelho*, cujo custo foi de apenas R\$ 240. Todavia,

por conta dos cenários, do figurino, da necessidade de uma direção de arte e uma fotografia mais cuidadosa, André inscreveu o projeto no sistema de financiamento público estadual para o audiovisual de Pernambuco – Funcultura – e o mesmo foi aprovado. Como a lógica do edital exigia definição das funções, indicação dos técnicos que participam da realização, a produção ganhou um caráter mais profissional. E mais, foi transformado em longa-metragem.

*A Seita* é uma ficção científica que se passa no Recife em 2040, quando um jovem habitante de uma colônia espacial resolve voltar para a Terra. Aqui ele encontra uma cidade quase fantasma e passa a viver como um dândi, num palacete semiabandonado. O filme, contudo, foi rodado com a mesma liberdade dos trabalhos anteriores e evitou um engessamento estético para agradar o mercado exibidor. O fato de ter um orçamento maior e recursos técnicos mais sofisticados não distanciou o resultado final daquilo que o Surto & Deslumbramento assume como sua maior marca. Ou seja, um cinema que busca se distanciar da heteronormatividade e faz dos corpos, das palavras e dos gestos do imaginário gay uma mistura de provocação e tomada de posição onde o inusitado é regra e os excessos são sempre bem-vindos (FIGUEIRÔA, 2015). *A Seita* percorreu inúmeros festivais no Brasil e no exterior a exemplo do Out Fest Los Angeles, o Queer Lisboa 2016, o Melbourne Queer Film Festival 2017.

Outro elemento inovador, num certo sentido para a realidade brasileira, é o modo como o coletivo Surto & Deslumbramento trabalha sua sensibilidade gay. O grupo a explora de forma explícita e sem subterfúgios, acrescentando a isso um olhar debochado sobre a realidade. A começar pelo nome do coletivo. O Surto é uma brincadeira com o Vurto, projeto dos documentaristas Marcelo Pedroso e Felipe Peres que tinha, entre outros objetivos, realizar vídeos com análises do contexto político e social de assuntos ligados à realidade pernambucana atual. Os integrantes do coletivo concordam com o conteúdo político da proposta, mas não gostam do formato dos vídeos, por não causarem surpresas na abordagem dos temas e não dialogarem com a lógica de compartilhamento de imagens na internet, algo que, segundo eles, permitiria uma maior penetração do trabalho junto a diferentes públicos, inclusive dos que são tocados diretamente com os problemas discutidos.

E fazendo jus ao espírito de paródia reinante no grupo, Rodrigo Almeida propôs acrescentar a palavra Deslumbramento, desta vez fazendo uma crítica bem-humorada com a Alumbramento, produtora cearense responsável pela realização de filmes como

---

*Estrada para Ythaca e Os Monstros*, marcados pelo que o grupo classifica como realismo lacônico e heterossexual. A rejeição a esse realismo lacônico é visível na proposta estética do Surto & Deslumbramento onde predomina o artifício, o exagero e a frangagem (gíria local que expressa afetação no comportamento).

A postura a favor de uma sensibilidade gay é algo que toca os integrantes do grupo naturalmente. Ela já foi colocada antes mesmo do coletivo se constituir formalmente, quando Chico e Rodrigo participaram do projeto *Torre Gêmeas*, um longa reunindo a visão de diversos cineastas sobre dois enormes edifícios construídos no Cais de Santa Rita, no Recife, que destoam completamente da paisagem do histórico bairro de São José. O trecho deles é uma longa cena com dois rapazes lado a lado, enquadrados da barriga até as coxas, se masturbando até ejacularem. Houve um incômodo muito grande quando a cena foi mostrada para Marcelo Pedroso, Felipe Peres e Grilo, organizadores do projeto audiovisual. Eles não queriam colocar a cena e só a aceitaram quando Chico inventou um discurso político relacionando falo e poder. Mesmo assim, quando o filme foi exibido surgiram vários comentários, dizendo que a cena tirava a seriedade do filme.

Na verdade, a postura do grupo não tem muito a ver com o ativismo gay nos moldes tradicionais. Quando pensam num projeto, eles não pensam se o filme vai ter um gay na história ou dois homens se beijando. O interesse principal do grupo é na pesquisa estética que tem a ver com a beleza, com o artificialismo, ou seja, totalmente fora dos padrões normativos da heterossexualidade. Eles observam que fazer um filme sobre essa sensibilidade não é necessariamente colocar o corpo gay em cena para defini-la.

O estranhamento, porém, não ocorre apenas entre os heterossexuais. Os festivais gays criaram um certo público que espera temas envolvendo diretamente as questões homossexuais. O filme *Estudo em Vermelho*, por exemplo, foi exibido na Mostra de Tiradentes, no Curta Cinema e não foi aceito no Mix Brasil, no Rio Gay e nem no For Rainbow, de Fortaleza, festivais voltados exclusivamente para a temática LGBT. O grupo gosta de afirmar a sua identificação com o rótulo “obra gay”, mas com o intuito de problematizá-lo. Nos filmes do Surto e Deslumbramento a questão não é brigar pela representação do personagem gay, mas mostrar que se para a sociedade heteronormativa o gay é um nicho onde não se consegue escapar dessa marca de gênero, os filmes heterossexuais também formam um nicho que dialogam com um tipo de sensibilidade heterossexual. Os cineastas heterossexuais, portanto, não podem reivindicar para si uma

---

suposta universalidade dominante para seus filmes e classificar os que não se enquadram nos seus padrões como estéticas desviantes ou à margem.

## Conclusão

Hoje, o Surto & Deslumbramento, divide-se entre dois caminhos. Mesmo mantendo o seu viés de um cinema autoral e independente, o coletivo investe tanto em produções onde o caráter amador predomina, quanto em obras que se aproximam de um cinema profissional a partir do uso de dinheiro obtido em editais de incentivo à produção audiovisual, o que lhes tem permitido um aprimoramento em termos de resultados técnicos. Antes do digital o binômio amador/profissional era marcado por uma oposição:

“Os termos profissional e amador têm servido para designar duas categorias autônomas, bem delimitadas e até dicotômicas de produção cinematográfica. Não obstante as suas origens quase simultâneas e uma indiferenciação inicial dos seus resultados técnicos, códigos estéticos e temáticas, desde cedo foram sendo atribuídas características particulares a cada uma das referidas categorias, características essas que contribuíram para a construção de seus traços identitários específicos”. (ALVES, 2017, p.192)

Atualmente, contudo essa relação entre o cinema profissional e o amador não implica mais uma subalternização do segundo face ao primeiro, os dois territórios estão duplamente contaminados pela diminuição do fosso entre materiais de registro e edição, no que diz respeito à qualidade e aos custos; pela miniaturização dos equipamentos que dispensa a complexidade logística para operá-los; e pelas novas formas de distribuição que permitem uma circulação pública dessas produções (ALVES, 2017). E mais e mais, a exemplo de coletivos como o Surto & Deslumbramento, as práticas do cinema tem levado amadores a fazerem filmes como profissionais e vice-versa. Todavia, continuar pensando em filmes de baixo orçamento é uma premissa da qual o coletivo não abre mão. Eles reconhecem que a tecnologia permite um padrão de qualidade de imagem, mas a partir daí o refinamento não está necessariamente ligado com o dinheiro gasto. Eles acreditam poderem atingir uma excelência de imagem com câmeras amadoras e baratas e que uma atitude mais solta pode coexistir com a sofisticação na hora de pensar a imagem. E assim o Surto & Deslumbramento segue sua trajetória, lidando com as contingências, mas não se furtando a pensar sobre o que está realizando. E mostrando ser possível a experimentação em que a tônica não é necessariamente fazer o melhor filme com o melhor equipamento, mas variar o fazer. E a aposta na criação coletiva e livre está

---

dando certo. Uma sessão com todos os filmes do grupo foi realizada no Rio de Janeiro em novembro de 2015 no Curta Cinema. Embora ainda se considerem quase estreados, Chico, Fábio, André e Rodrigo ficaram surpresos quando receberam o convite. "Ficamos em estado de choque. Como assim? A gente já vai ter uma retrospectiva?" (FIGUEIRÔA, 2015).

## REFERÊNCIAS

ALVES, Marta P. **Cinema 2.0**, modalidades de produção cinematográfica do tempo do digital. Covilhã: LabCom.IFP, 2017.

FIGUEIRÔA, Alexandre. **Holofotes PE: Coletivo Surto & Deslumbramento força os limites no cinema**. Disponível em: < <http://revistaogrito.com/holofotes/coletivo-deslumbramento/>> Acesso em: 01 de novembro de 2018.

FIGUEIRÔA, Alexandre. **Crítica – Cinema: A Seita, de André Antônio**. Disponível em: < <http://revistaogrito.com/critica-cinema-a-seita-de-andre-antonio/>>. Acesso em: 01 de novembro de 2018.

SOBRINHO, Gilberto A. **Cinemas em Redes: Tecnologia, estética e política na era digital**. Campinas, SP: Papyrus, 2016.